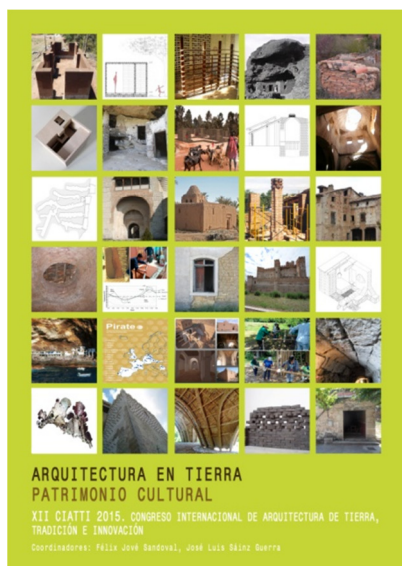




Arquitectura en Tierra

Patrimonio Cultural

XII CIATTI 2015

Congreso de Arquitectura de Tierra en Cuenca de Campos 2015.

Coordinadores: Félix Jové Sandoval, José Luis Sáinz Guerra.

ISBN: 978-84-617-4586-9

D.L.: VA 620-2016

Impreso en España

Agosto de 2016

Publicación online.

Para citar este artículo:

CASTELO, Marta; GRENHA, Nuno. "Muro para o telheiro da encosta do castelo". En: *Arquitectura en tierra. Patrimonio Cultural. XII CIATTI. Congreso de arquitectura en tierra en Cuenca de Campos 2015*. [online]. Valladolid: Cátedra Juan de Villanueva. Universidad de Valladolid. 2015. Pp. 205-214

URL de la publicación: <http://www5.uva.es/grupotierra/publicaciones.html>

Este artículo sólo puede ser utilizado para la investigación, la docencia y para fines privados de estudio. Cualquier reproducción parcial o total, redistribución, reventa, préstamo o concesión de licencias, la oferta sistemática o distribución en cualquier otra forma a cualquier persona está expresamente prohibida sin previa autorización por escrito del autor. El editor no se hace responsable de ninguna pérdida, acciones, demandas, procedimientos, costes o daños cualesquiera, causados o surgidos directa o indirectamente del uso de este material.

This article may be used for research, teaching and private study purposes. Any substantial or systematic reproduction, re-distribution, re-selling, loan or sub-licensing, systematic supply or distribution in any form to anyone is expressly forbidden. The publisher shall not be liable for any loss, actions, claims, proceedings, demand or costs or damages whatsoever or howsoever caused arising directly or indirectly in connection with or arising out of the use of this material.

Copyright © Todos los derechos reservados

© de los textos: sus autores.

© de las imágenes: sus autores o sus referencias.

O MURO PARA O TELHEIRO DA ENCOSTA DO CASTELO

XII CIATTI 2015. Congreso Internacional de Arquitectura de Tierra
Cuenca de Campos, Valladolid.

*Marta Castelo. Docente da Faculdade de Belas-artes, VICARTE,
Lisboa, Portugal.*

*Nuno Grenha. Arquitecto, Colaborador da Oficinas do Convento,
Montemor-o-Novo, Portugal.*

PALABRAS CLAVE: arte, tradição, limite

1. Introdução- O Telheiro

A investigação realizada nos finais dos anos oitenta por Vasco Silva, um dos fundadores da Associação Oficinas do Convento, e por Lúcia Cantanhede sobre a actividade dos telheiros, mais particularmente na zona de Montemor-o-Novo, e o reconhecimento da existência de um antigo telheiro desativado por volta da década de sessenta na zona poente da encosta do Castelo dessa mesma cidade desencadeou um projecto de reabilitação daquele espaço devoluto. Esta iniciativa, realizada no âmbito das actividades levadas a cabo pela Oficinas do Convento - Associação de Arte e Comunicação, em

parceria com a Associação Marca e o apoio da Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, surgiu com a necessidade de resgatar os saberes tradicionais dos telheiros e a preservar de todas as dimensões do processo de manufactura do tijolo de burro tradicional e de outras tipologias, com o objectivo de influir directamente na valorização da arquitectura terra nas perspectivas ambiental, estética e patrimonial, possibilitando não só a reabilitação de edifícios antigos do Centro Histórico e da sede da Associação Oficinas do Convento, o convento de S. Francisco, como potenciando a construção de novos edifícios neste tipo de materiais¹.



Figura 1. Coluna de Sandra Casaca durante a construção e ampliação da estrutura do telheiro em 2000/20001. Fonte: Tiago Fróis.

Em simultâneo ao desenvolvimento da componente de produção económica, fundada num compromisso entre as tradições culturais e as necessidades da sociedade atual, ligadas à construção e arquitectura vernaculares, este projecto teve, desde o início, o objectivo de servir como estrutura de apoio a projectos no campo da escultura e da cerâmica, impulsionando a criação artística em intersecção e articulação com os conhecimentos da arquitectura e do design e promovendo de modo bastante abrangente estas áreas de actividade e os saberes tradicionais pertencentes ao património cultural de todos. Como Virgínia Fróis refere “a actividade artística desenvolve-se em paralelo com a actividade produtiva. Utiliza os mesmos espaços, matéria-prima e tecnologia e recorre ao apoio dos trabalhadoras do telheiro.”²

O vínculo existente à nascença entre o saber tradicional e a inovação criativa, a arquitectura e a arte, encontra-se firmado na coluna escultórica realizada por Sandra Casaca, uma recém licenciada em escultura que em 2000 integra a equipa de profissionais da Oficinas e do Telheiro da Encosta do Castelo, no âmbito de um programa de estágios profissionais com a duração de nove meses.

Influenciada pelo fruto do cipreste, seguindo possivelmente a analogia formal e ancestral entre as colunas e as árvores, a referida coluna foi toda realizada pelos processos tradicionais e apresenta uma base e fuste estrelados e um capitel pontudo com revestimento vítreo policromado a duas cores (Figura.1).

De acordo com o dicionário de símbolos de Jean Chevalier e Alan Gheerbrant a coluna é:

“elemento essencial da arquitectura, a coluna é suporte, representa o eixo da construção e liga os seus diferentes níveis. (...) Simbolizam a solidez de um edifício, quer seja arquitectural, quer seja social ou pessoal”³, e o eixo é o foco “em torno do qual se efectuam as revoluções do mundo, liga entre si os domínios ou estados hierarquizados no seu centro. Pode tratar-se de unir a Terra ao Céu, concretamente o centro do mundo terrestre ao centro do céu.”⁴

Assim, observa-se que a coluna de Sandra Casaca enquanto “eixo central da área coberta do Telheiro”⁵, exerce uma função estrutural na definição do espaço e, além disso, reforça, com toda a dimensão simbólica que lhe está implícita, a importância que a arte tem na definição de todo este projecto.

Os simpósios de escultura em terracota organizados pela Oficinas do Convento que impulsionaram a produção de escultura em cerâmica e em processos construtivos de grande escala são outro exemplo da intersecção de saberes, presente em todo o trabalho, a um nível profundo e estruturante.

No caso da obra do escultor americano Arnie Zimmerman, realizada no II Simpósio em 1998, a forma modelada com cerca de dois metros e meio de altura, aparentemente, nada tem a ver com a arquitectura. Contudo, esta foi pensada e posteriormente caiada de branco com o sentido de remeter para as figuras que ocupavam frequentemente os nichos das casas tradicionais. A cozedura desta escultura, realizada num forno à inglesa⁶, evidencia a troca de conhecimentos e experiência entre o saber antigo e a criação artística actual.

O III Simpósio de Escultura em Terra(cota), organizado pela Oficinas do Convento em 2001, estruturou-se com base no tema “Habitar”, e promoveu de modo mais directo a relação da criação artística com a arquitectura

e com todos os saberes inerentes à actividade de produção e construção tradicional, configurando assim uma síntese do trabalho que desde 1997, data da reabilitação do Telheiro da Encosta do Castelo, se havia realizado⁷.

Os trabalhos dos artistas participantes reflectem uma variação de técnicas, tanto de cerâmica como de construção arquitectónica, e vão da taipa, à modelação cerâmica por rolos e lastras, passando pelo talhe e construção de alvenaria em tijolo.

Os projectos Terra, Zinco e Pão com Manteiga de Filipe Araújo, Isaque Pinheiro, e Nuno Tomás e Para Percorrer de Pedro Fazenda, feitos em taipa com o apoio dos mestres Francisco Rosa e Vitor Fernandes, respectivamente, revelam uma imediata relação com a arquitectura, não só pelo processo construtivo utilizado e pela identificação com a imagem da casa, mas também porque instigam a entrada do corpo no espaço construído. No projecto de Pedro Fazenda, que consiste numa estrutura rectilínea de planta em espiral, é deliberada a ideia de passagem; como o autor refere “a escultura não se habita. Quando muito percorre-se”⁸. Porém, no projecto de parceria dos três artistas a entrada física é barrada, obstruída, mas para se entender a escultura é necessário aceder visualmente ao interior, através do vidro de uma porta de alumínio existente que, em conjunto com outros materiais industriais como placas de zinco e uma antena, se encontra em contraste deliberado com materiais naturais que caracterizam o lugar envolvente e, deste modo, questionando a uniformização dos hábitos de vida.

Em Dar de Artur Maijer e em Ninho e Rosana Bortolin são usados processos tradicionais de modelação em cerâmica na criação de representações de casas. No caso do escultor holandês, a escultura alude às habitações do norte de África e a escultura de Rosana constou na reprodução, à escala humana, do ninho do pássaro brasileiro João de barro.

César Conejo, escultor peruano radicado em Inglaterra, criou a escultura Menir que, construída com tijolos de burro, alude simultaneamente aos marcos megalíticos que pontuam as terras do Alentejo e ao modo de construção tradicional da região. Com cerca de quatro metros de altura, esta estrutura

vertical foi realizada por talhe de tijolos crus empilhados que posteriormente foram desmontados, numerados e cozidos para voltarem a ser montados definitivamente no local de instalação da obra.

O projecto concebido por António Ferro Moutinho chamado A terra é ainda a minha nave estabelecia um confronto entre o mundo terreno e o céu e foi construído em alvenaria de tijolo segundo os preceitos tradicionais com o apoio do mestre pedreiro Moisés, contendo ainda um elemento cilíndrico modelado em barro a intersectar essa construção.

Particularmente estas duas obras constituídas com tijolos revelam uma directa conexão com a produção do telheiro e remetem, sem recurso ao ideário da casa e, por isso, de modo mais abstrato, para a ideia de habitar, nomeadamente, enquanto marcação do território e forma de questionamento do homem sobre/com o desconhecido.

Este simpósio, além de promover a aprendizagem entre todos os participantes —organizadores, artistas, profissionais de construção e assistentes, que incluíam estudantes de belas-artes, ceramistas e arquitetos — procurou criar um espaço de reflexão sobre o lugar e sobre o modo como as habitações do homem se podem realizar no interior de uma relação de pertença e de reencontro com esse mesmo lugar. Se o homem é modelador do espaço que habita e vivência corporalmente, pensar a possibilidade de habitar uma escultura e viver as ideias aí contidas, que se abrem ao universo de todos, terá sido um dos motores poéticos deste evento. Numa outra perspectiva, esteve também presente a ideia de procura do abrigo intemporal, um abrigo das ideias, do lugar individual de sobrevivência ou de transcendência de cada homem.⁹

Entre outros projectos que aliam o património cultural, o conhecimento tradicional e a criação artística, destaca-se também a instalação da escultora Vanessa Santos realizada para a exposição (E)vocações (2003/4), enquadrada nas celebrações dos 850 anos da fundação do Mosteiro de Alcobaça. Neste contexto, o espaço do Telheiro da Encosta do Castelo foi um lugar onde se pôde investigar os processos de conformação dos ladrilhos do deambulatório da igreja do Mosteiro de Alcobaça datados do séc. XIII, proceder-



Figura 2. Ponto de Partida na exposição (E) vocações. Fonte: Virgínia Fróis.

se à sua reprodução com vista à realização de um extenso tapete, intitulado Ponto de Partida (Figura. 2), composto por milhares de ladrilhos iguais aos originais. Como este tapete pressupunha a elevação em rampa de uma das extremidades, foram realizados, no telheiro, ensaios de pastas com barros semelhantes aos originais e vermiculite de modo a aliviar o peso da estrutura suspensa. Esta simples experimentação tecnológica é um exemplo da componente de investigação realizada no Telheiro

Outras actividades e práticas desenvolvidas, no passado e no presente, no Telheiro, pela Oficinas do Convento, e que dão conta da dinâmica de inovação e de actualização de linguagens e dos saberes artesanais, podem ser observadas no artigo de Nuno Grenha para o X CIATTI 2013. Numa perspectiva mais ontológica, também se pode acompanhar o percurso da associação que promoveu a reabilitação do Telheiro no artigo de Virgínia Fróis para a revista Veduta.

Contudo o que se pretende agora ressaltar é o impacto que esta organização teve e tem no percurso de Marta Castelo e de que modo esse influxo se vê reflectido num muro de vedação concebido em 2014-2015 para o Telheiro, pela artista.

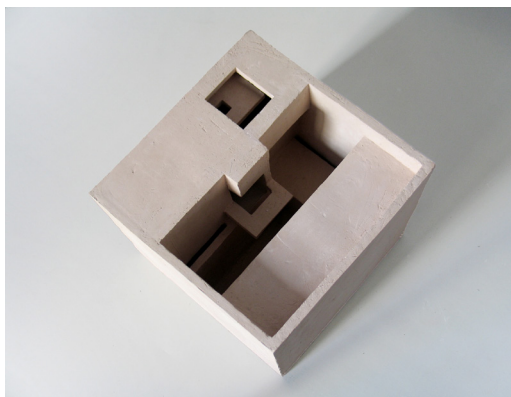


Figura 3. Da série Espaço interno para descobrir. Escultura realizada para a exposição Anteciparte 2006. Fonte: Marta Castelo.

2. A construção de um percurso

Com o intuito de desenvolver um projecto escultórico em cerâmica para apresentar na exposição do prémio Anteciparte 2006, Marta Castelo procurou, pela primeira vez, o apoio da Oficinas do Convento, nomeadamente ao nível de espaço para a realização e cozedura do trabalho (Figura 3).

Procurando debater as relações entre natureza e a acção humana, o trabalho que Marta Castelo desenvolvia na época apresentava já um carácter arquitectónico que explorava a tensão entre o espaço interior e o espaço exterior, o oculto e manifesto, o visível e o invisível, e evidenciava a ideia de construção quer do ponto de vista formal como conceptual. Aqui, este conceito constituía-se como metáfora da materialização da acção humana sobre a natureza, isto é, enquanto produção cultural constitutiva do homem, mas também enquanto instauração de um lugar referencial que permite ao homem organizar-se conceptualmente no mundo.¹⁰

Durante a realização daquele conjunto de trabalhos, o contacto existente com as pessoas da Oficinas do Convento, em particular com Virgínia Fróis, fomentou o interesse de Marta Castelo pela terra e barros naturais da região



Figura 4. S/ Título – O Peso das Coisas. Fonte: Marta Castelo.



Figura 5. Uma das primeiras maquetes realizadas usando uma tipologia de tijolo inspirada nos cactos. Fonte: Marta Castelo

que, aprofundando as preocupações teóricas e temáticas sobre a natureza já inscritas no trabalho, desencadeou uma pesquisa sobre a matéria e as construções humanas cujos resultados se puderam observar na exposição Terra Construída (2008), na Galeria Municipal de Montemor-o-Novo.

Alguns dos trabalhos aí expostos, feitos com lastras de barro húmido, cujos movimentos deformadores influíam na forma, exploravam o limiar do preciso e do incontrolável e traçavam um percurso onde ocorre a dupla deslocação da terra para a construção e da construção novamente para a terra.

Esta exposição e a participação, em 2006, do workshop “Intervir na Paisagem” orientado pelo escultor Alberto Carneiro e organizado pela Oficinas no âmbito do Projecto Margens, contribuiu para a elaboração de novas pesquisas plásticas que testavam os limites do objecto escultórico e investigavam a natureza transitória da argila e da terra, explorando-se de modo mais assertivo a ideia de processo e do efémero, e o limiar entre a construção, resistência do homem ao meio, e a fatalidade da destruição (Figura. 4).

Numa disposição artística em que o processo escultórico implica, sem constrangimentos, a construção e também a sua desmaterialização ou desconstrução, a realização do muro por Marta Castelo, a propósito do projecto de requalificação e amplificação do espaço do Telheiro da Encosta do Castelo do bairro de S. Pedro em Montemor-o-Novo, desenvolvido pelo arq.º Nuno Grenha, inscreve uma nova

visão sobre a construção, pelo menos no interior do seu trabalho. Assumindo-se uma edificação mais perene, a concepção do muro já não se centralizou sobre o limite entre a construção e a dissolução, no sentido de uma apresentação desse limiar e inspira antes um questionamento do limite enquanto barreira que o próprio muro constitui.

3. O Muro – A Concepção

A proposta lançada por Nuno Grenha, pressupunha a criação de um muro usando diversas tipologias de produtos fabricados no Telheiro da Encosta do Castelo, para assim criar um rosto, um cartão de boas vindas para quem passasse pela rua ou para quem visitasse o Telheiro da Encosta do Castelo.

O trabalho desenvolveu-se com base no espaço envolvente, nomeadamente, a partir da observação de três figueiras-da-índia que se situam abaixo da zona de implantação da obra, num processo gradual em que cada tomada de decisão deu lugar a outra, até se chegar a uma forma final.

A ideia genérica era a de configurar um muro escultórico e/ou arquitectónico que insinuasse um certo movimento procedente da ideia de natureza e que, ao mesmo tempo, assinalasse a noção de delimitação e contenção implícitas na construção. Sem se ter uma imagem clara do muro na sua globalidade, optou-se por trabalhar de antemão com o tijolo de burro tradicional, pois é a tipologia mais característica fabricada naquela unidade artesanal. Com base nas



Figura 6. Vista da entrada de acesso ao Telheiro.
Fonte: João Rolaça.



Figura 7. Vista de O Muro do lado do Telheiro.
Fonte: Marta Castelo.

dimensões deste tijolo, pensou-se criar uma nova tipologia inspirada nos cactos existentes e, com essas duas tipologias, desenvolveram-se as primeiras maquetas e ensaios, experimentando diferentes possibilidades construtivas (Figura. 5).

Para evitar que o muro tivesse uma presença demasiado impositiva, decidiu-se que este deveria ter uma altura relativamente baixa, a rondar aproximadamente 1,30m e 1,40m, e, m função do tamanho o tijolo de burro e da necessidade de criar algo visualmente leve e linear, definiu-se que o muro deveria ser construído a “meia vez”, tendo por isso a espessura de 16cm.

Por directa influência das formas arredondadas das figueiras-da-índia e pela observação dos muros de vedação tradicionais com remate redondo determinou-se que o topo do muro seria também ele arredondado, feito com tijolos finos colocados em cutelo, aliando uma solução estética à função de escoar a água da chuva com mais eficácia.

Por razões de estabilidade, foi necessária a inclusão de pilares que, em vez de serem concebidos no verso da estrutura, foram deslocados tenuemente para a frente, tornando-os simétricos relativamente ao corpo do muro e possibilitando uma visualização idêntica de ambos os flancos. Tal procedimento evitava a demarcação de um lado frontal e de um lado posterior, que rivalizava com uma certa linearidade que se queria dar à construção, e contribuía para que os pilares adquirissem uma dimensão estética e escultórica somada à função

estrutural já existente. À semelhança do remate arredondado do muro, os pilares foram delineados com as arestas boleadas, o que requereu a concepção de um formato de tijolo novo, o tijolo boleado, que veio a ser introduzido no corpo do muro em substituição do tijolo que fora inicialmente pensado, de inspiração directa na figueira-da-índia.

O interesse pela construção e pelos modos construtivos conduziu ao estudo de diferentes modos de assentamento com o objectivo de encontrar uma trama estrutural caracterizadora do muro. Como era importante criar pequenas aberturas afim de se aceder visualmente ao outro lado da estrutura, de qualquer ponto em que o observador se encontrasse, tornando todo o conjunto mais leve, foi criada uma trama rendilhada baseada e adaptada no estudo dos assentamentos inglês e de muro de jardim inglês.

O corpo do muro é construído com assentamento ao leito, uma das formas mais comuns nas construções alentejanas, que é interrompido por dois pares de fiadas de tijolos finos no formato dos elementos mais caracterizadores do muro: o tijolo de remate e um dos tijolos boleado usado nos pilares centralizados. A espessura desta linhas têm influência da figueira-da-índia, de troncos delgados, e conferem alguma variação compositiva. Esses elementos de carácter mais ornamental são vidrados a verde, fazendo ressaltar a vibração do muro a as suas ligações com a paisagem. A zona da curva e intersecção com a pendente do terreno também são marcadas pelas linhas redondas que caracterizam o muro.



Figura 8. Vista de O Muro do lado da rua. Fonte: Marta Castelo.

De modo sucinto, o muro apresenta linhas sóbrias e arredondadas, com altura de 1,40m, de remate arredondado, com espessura de 16cm, com pilares simétricos e boleados, com algumas aberturas evidenciadas por tijolos finos vidrados a remeterem aos ramos da figueira-da-índia e construído com tijolos tradicionais — tijolo de burro, tijolo fino e tijolo curvo — e mais sete novas tipologias concebidas especificamente para este projecto. Quatro destas foram aplicadas na construção dos pilares, sendo que uma dessas foi também utilizada no elemento ornamental vidrado, a quinta tipologia — o tijolo de remate — foi empregue no topo do muro e no padrão vidrado e as restantes duas foram exclusivamente aplicadas nos pilares dos topos que enquadram o portão e que têm 1,50m de altura.

4. Conclusão

Concebido para substituir uma elementar vedação de delimitação do Telheiro, local onde se produz o tijolo de burro tradicional e outros materiais afins ao mesmo tempo em que se desenvolvem actividades de apoio à criação artística e arquitectónica, o muro agora realizado usa os materiais do lugar, enaltece os modos de construir tradicionais, introduz novos produtos e, mantendo alguns traços caracterizadores dos muros típicos, é capaz de revelar contornos de uma nova contemporaneidade.

Os aspectos conceptuais e formais que caracterizam a linguagem plástica de Marta Castelo, particularmente as questões ligadas ao efémero e à dissolução, não tendo sido

deliberadamente derogados, redobram o desafio da concepção do muro que, de modo instintivo, se organizou em torno das características envolventes. As figueiras-da-índia e o uso de tijolos de burro tradicionais constituíram-se com factores de impulsão do projecto. Mas só depois deste estar construído, é que se tornaram visíveis, outros níveis de entendimento do lugar que orientaram de modo sensível e subconsciente as decisões plásticas tomadas.

A necessidade de demarcação do espaço é essencial para o homem poder habitar e saber situar-se no mundo. Mas da mesma forma que a identidade se forma em confronto com o outro, havendo necessariamente uma abertura a todo o refluxo existente entre as coisas, este muro delimita uma área, mas não a enclausura nem a restringe. O muro não é uma barreira, mas antes a desdobra expandida da vivência do Telheiro.

Esse facto é assinalado pela inexistência conceptual de uma parte da frente e de trás do muro. Os pilares simétricos a partir do corpo central, bem como as aberturas que o atravessam de um lado ao outro revelam essa permeabilidade do lugar.

O desenho arredondado que caracteriza o muro é mais uma vez representativo do espaço criativo que este delimita, pois tal como o projecto do Telheiro, o muro acolhe e abraça o terreno e funde-se com a paisagem.

Sob a forma de um plano vertical no espaço, que se estende ao longo de cerca de vinte e um metros, o muro estabelece um limite, mas não um obstáculo. É a geografia do terreno e o portão anguloso criado por João Rolaça e Tânia Teixeira que de forma mais dramática travam a eventual passagem.¹¹ O Muro configura antes um ponto de transição, uma fronteira, que opera inclusivamente uma constante deslocação entre o escultórico e o arquitectónico. A dupla função de delimitação e de protecção, que confere uma dimensão arquitectónica ao muro, é a todo o momento rivalizada pelo valor de identificação do lugar e de produção de espaço da criação artística. E mais do que conferir uma individualidade ao local, esta obra reforça a identidade intrínseca existente no Telheiro, desde a sua recuperação, e reconhece a força criadora que este espaço dedicado à arte, suscita e activa. Desta forma, o muro incorpora a carga

simbólica da construção e a dimensão criativa que impera no telheiro; e sem qualquer tipo de premeditação, assume-se como agradecimento à Oficinas do Convento e ao Telheiro da Encosta do Castelo, por toda a aprendizagem e apoio disponibilizados, e constitui-se como um reflexo de tudo isso.

O Muro é uma obra que nasce do cerne da atuação do Telheiro, do coração das práticas aí desenvolvidas, dirige-se a todos os que entram nas suas instalações ou passam pela rua, e, sobretudo, destina-se ao próprio sítio. E isto acontece, não apenas porque se trata de um muro que sinaliza o lugar, mas porque, sem se esgotar em si mesmo, lança a hipótese de novas criações arquitectónicas e artísticas. Por um lado, as novas tipologias de tijolos, feitas especificamente para a construção do muro, podem vir a ser usadas na elaboração de novos elementos de arquitectura, e, simultaneamente, fazendo já parte do universo plástico de Marta Castelo, expandem as possibilidades criativas com os tijolos aí produzidos, elementos modulares que já antes haviam integrado o trabalho da autora.

No entanto, não é só do ponto de vista da construção formal que o muro suscita

transformações. O efémero e o degradável presentes no trabalho de Marta Castelo referem o movimento das coisas e a força transformadora de vida e morte presente em tudo o que existe. Mas, se como Maria Filomena Molder afirma,

“o homem só se pode salvar da ameaça da força infinita da metamorfose e do perigo da compreensão dessa força infinita se se firmar na força que se lhe opõe, pela criação de obras de arte, poesia, talvez dos conceitos, das coisas técnicas, e também das formas mais simples que dão consistência ao nosso quotidiano: vestígios daquele combate.”¹²

O Muro, apesar de mais duradouro, não deixa de ser tocado por uma força que o excede e, sobretudo, de denunciar, de um modo mais abstrato, a instabilidade das construções humanas.

Todas as edificações são transitórias e, na ausência de qualquer catástrofe, deterioram-se à medida das relações que o homem estabelece com elas. Neste caso, o muro é de carácter mais prevalente e fixo e não denota a destruição. Porém, esta poderá um dia ocorrer, mas enquanto isso não acontece, é sob o signo do fluxo e de movimento que o muro oferece-se à observação.

Agradecimentos

VICARTE: UID/EAT/00729/2013
Oficinas do Convento

Bibliografia

- A.A.V.V. Catálogo da ANTECIPARTE Millennium BCP, 3ª Edição, Lisboa, 2006.
- CAMPBELL, James W. P., PRYCE, Will, *História Universal do Tijolo*, Ed. Caleidoscópio, Casal de Cambra, 2005.
- CASACA, Sandra (Coord.), *Nove Meses Três Ciclos*, Oficinas do Convento, Montemor-o-Novo, 2001.
- CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain, *Dicionário dos Símbolos – Mitos, Sonhos, Costumes, Gestos, Formas, Figuras, Cores, Números*, Ed. Teorema, Lisboa, 1982.
- COELHO, Sandra, *Telheiro da Encosta do Castelo de Montemor-o-Novo – associativismo e voluntariado*, In Revista Pedra e Cal n.º50. Julho, 2011.
- ESCOBAR, Ana, *Projecto em Aberto – Forno à Inglesa | Módulo Padrão, Série Projecto em Aberto número III*, Oficinas do Convento, Montemor-o-Novo, 2014.
- GREHA, Nuno, *Telheiro da Encosta do Castelo – Um espaço de Tradição de Inovação*, In La Arquitectura Construída en Tierra, Patrimonio y Vivienda- X CIATTI, Congreso da Arquitectura de Tierra en Cuenca de Campos, 2013.
- FRÓIS, Virgínia (coordenação). *Catálogo do II Simpósio de Escultura em Terra(cota) de Montemor- o-Novo*. Ed. Oficinas do Convento. Montemor-o- Novo, 1998.
- FRÓIS, Virgínia, SILVA, Vasco Fernando Dias (Coord.)- *Habitar – III Simpósio de Escultura em TERRA(COTA)*, Oficinas do Convento – Associação Cultural da Arte e Comunicação, Montemor-o-Novo, 2001.
- FRÓIS, Virgínia, *Reflexões em Torno da Criação e da Acção – alguns projectos da Associação Cultural Oficinas do Convento*, In *Veduta* – revista de estudos em património cultural, nº5, edição de 2011.
- FRÓIS, Virgínia, SILVA, Vasco Fernando Dias, *Realibitação de um Telheiro em Montemor-o-Novo*, In *ArteTeoria*, Revista do CIEBA – Centro de Investigação e de Estudos em Belas- Artes – Secção Francisco de Holanda, n.º 14/15, Lisboa, 2011/2012.
- MATOS, Sara Antónia, *Construções Orgânicas*, In Catálogo Terra Construída - Marta Castelo, Galeria Municipal de Montemor-o-Novo, Montemor-o-Novo, 2008.
- MATOS, Sara (Coord.), – *(E)vocações*, Catálogo da Exposição, Ministério da Cultura | IPPAR, 2003.
- MOLDER, Maria Filomena Molder, *As Nuvens e o Vaso Sagrado, Relógio D'Água, Antropos*, Lisboa, 2014.
- SILVA, Vasco Fernando Dias, *Telheiros - O barro e os Homens*, In Ed. Revista Almansor n.º9. Montemor- o-Novo, 1991.
- SILVA, Vasco Fernando Dias, *Reabilitação de um Telheiro em Montemor-o-Novo – o barro, os fornos e os homens*, In Anuário de Património, 2012.
- www.oficinasdoconvento.com
- www.prouarb.fau.ufrj.br/jkos/p2/heidegger_construir,%20habitar,%20pensar.pdf HEIDEGGER, Martin, (1951) *Construir, Habitar, Pensar*, Visualizado em 12-06-2015

Citas y notas

1. Sobre o levantamento feito por Vasco Silva e as suas consequências ao nível da acção cultural da Oficinas do Convento conferir: Coelho, Sandra, *Telheiro da Encosta do Castelo de Montemor-o-Novo – associativismo e voluntariado*, In Revista Pedra e Cal n.º50. Julho, 2011; FRÓIS, Virgínia, *Oficinas do Convento, Lugar Intermediário*, In Catálogo CASACA, Sandra (Coord.), Nove Meses Três Ciclos, *Oficinas do Convento, Montemor-o-Novo*, 2001; FRÓIS, Virgínia, SILVA, Vasco Fernando Dias, *Realibitação de um Telheiro em Montemor-o-Novo*, In ArteTeoria, Revista do CIEBA – Centro de Investigação e de Estudos em Belas- Artes – Secção Francisco de Holanda, n.º 14/15, Lisboa, 2011/2012. SILVA, Vasco Fernando Dias, *Reabilitação de um Telheiro em Montemor-o-Novo – o barro, os fornos e os homens*, In Anuário de Património, 2012; SILVA, Vasco Fernando Dias, *Telheiros - O barro e os Homens*, In Ed. Revista Almansor n.º9. Montemor- o-Novo, 1991.
2. FRÓIS, Virgínia, *Oficinas do Convento, Lugar Intermediário*, In Catálogo CASACA, Sandra (Coord.), Nove Meses Três Ciclos, Oficinas do Convento, Montemor-o-Novo, 2001. Pág 37.
3. CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain, *Dicionário dos Símbolos – Mitos, Sonhos, Costumes, Gestos, Formas, Figuras, Cores, Números*, Ed. Teorema, Lisboa, pág. 211.
4. Ibidem, pág. 278.
5. FRÓIS, Virgínia, *Oficinas do Convento, Lugar Intermediário*, In Catálogo CASACA, Sandra (Coord.), Nove Meses Três Ciclos, Oficinas do Convento, Montemor-o-Novo, 2001. Pág. 38.
6. O forno à inglesa é uma estrutura provisória construída pelos mestres de telheiro para cozer tijolos feitos na proximidade da barreira e do local de edificação e, por conseguinte, longe de unidades artesanais de produção onde existem fornos fixos. Trata-se pois de um sistema de cozedura versátil e adaptável às condições específicas de produção e construção do tijolo burro. Para mais informações consultar ESCOBAR, Ana, *Projecto em Aberto – Forno à Inglesa | Módulo Padrão, Série Projecto em Aberto número III, Oficinas do Convento, Montemor-o-Novo*, 2014.
7. FRÓIS, Virgínia, SILVA, Vasco Fernando Dias (Coord.)- *Habitar – III Simpósio de Escultura em TERRA(COTA)*, Oficinas do Convento – Associação Cultural da Arte e Comunicação, Montemor-o-Novo, 2001.
8. Ibidem.
9. Ibidem.
10. HEIDEGGER, Martin, (1951) *Construir, Habitar, Pensar*, Visualizado em 12-06-2015 http://www.proub.fau.ufrj.br/jkos/p2/heidegger_construir,%20habitar,%20pensar.pdf
11. Os portões, apesar de contrastarem visualmente com o muro, pelas formas aguçadas e material, não deixam, contudo, de integrar os princípios prevalentes naquele. Isto é, como o muro, os portões foram concebidos de modo a não terem um lado frontal e outro posterior e de manterem a ideia de permeabilidade espacial, através da existência de aberturas coincidentes com os motivos de atravessamento do muro. Tal é particularmente visível quando o portão principal se encontra aberto e se entrevê o espaço para lá do muro e os tijolos vidrados.
12. MOLDER, Maria Filomena Molder, *As Nuvens e o Vaso Sagrado, Relógio D'Água, Antropos*, Lisboa, 2014. Pág. 163.